

APRESENTAÇÃO DA OBRA
«PORTUGAL NA QUEDA DA EUROPA»,
DE
VIRIATO SOROMENHO-MARQUES
2 de Junho de 2014
CCB, LISBOA, 18 30h

ADRIANO MOREIRA

Presidente do Instituto de Altos Estudos
da Academia das Ciências de Lisboa
Professor Jubilado
da Universidade Técnica de Lisboa

Em primeiro lugar, numa data em que se pede a definição da quarta missão da Universidade, o que na essência se traduz em definir a realidade do globalismo, quero salientar a exemplar contribuição académica de Soromenho-Marques, empenhada, livre, independente, construtiva, interveniente, e exemplarmente cívica. O que faz dotado de todas as capacidades exigidas por aquela definição da quarta missão da Universidade, apoiada na sua formação filosófica para avançar com segurança para a transdisciplina que aquela nova missão da Universidade exige: intervenção na *área do ambiente*, quando mais de metade dos Estados inscritos na ONU são incapazes de responder aos desafios da natureza agredida e agressora em resposta com terremotos, tsunamis, inundações, pestes; na área da política que hoje é responsável pela submissão do globalismo a um credo do mercado esquecendo os valores que integram, na definição da UNESCO, o

património imaterial da Humanidade; na área da economia e finanças cuja intervenção dogmática conduziu à crise económica e financeira mundial que ameaça a paz com a realidade da miséria, como foi aviso da ONU já no século passado, e é hoje aviso do economista Amartya Sen, Prémio Nobel; na *estratégia*, meditando sobre a evolução e quadro de poderes, os cobertos pela legalidade e os de facto que redefinem, nem sempre silenciosamente, o uso da força, desde o que resta da soberania clássica dos Estados ao terrorismo da nova modernidade tumultuosa; na *área dos valores* quando medita com paixão sobretudo sobre os *valores ocidentais*, e a falta de resposta da Europa sem bússola. Finalmente, enfrentando com o poder da palavra a conjuntura adversa que Portugal atravessa, e de que não apenas tem antecipado a evolução, como persistentemente busca caminhos de esperança, para a reposição da igual dignidade do país na comunidade das Nações; como também não esquece que essa intervenção diz respeito a pessoas, à sua qualidade de vida e morte, e ao intervalo de atividade que faz de cada ser humano um fenómeno único na história da Humanidade. Jovem como é, pertence-lhe já uma larga contribuição para o bem comum, com o desprendimento de Vieira quando este orava por ter servido a Deus, ao Rei, e a Portugal, sem esperar recompensa nem reconhecimento.

Na crise que vivemos, com sacrifício a caminho do intolerável pelos povos, Portugal fica a dever-lhe, com este livro, umas das mais lúcidas intervenções que, por coincidência que não é reconfortante, se verificou nas vésperas das eleições para o Parlamento Europeu, em termos de confirmarem, pelos resultados, a generalidade das advertências e

previsões que no livro ficam expostas, com um domínio completo da língua, quer quanto a rigor, quer quanto a beleza literária, opondo o poder da palavra à palavra dos poderes que são responsáveis, os formalmente definidos, e os mal sabidos, pela situação em que nos encontramos.

A sua inquietação pelo destino da Europa, logo o fez erguer a voz, para além do antecipador livro que hoje é lançado oficialmente, para o que chamou uma situação entre *o abismo e o milagre*, no Diário de Notícias de 29 de Maio. Como a leitura dos jornais está regressiva, não posso impedir-me de repetir o texto, que é o seguinte:

“A expressão "terramoto" usada pelo primeiro-ministro francês Manuel Valls para classificar a vitória esmagadora da Frente Nacional de Marine le Pen em França não é uma metáfora. Apenas uma descrição realista. Atravessando o canal da Mancha em TGV, quem desembarcar na estação de Waterloo encontrará uma Grã-Bretanha onde o arqui-inimigo da União Europeia, Nigel Farage, líder do UKIP, encostou à rede os donos do sistema bipartidário que reina há muitas gerações na Velha Albion. Estas eleições europeias iniciaram uma reativação da crise europeia, com duas diferenças. Em primeiro lugar, a crise que até agora estava localizada essencialmente na periferia europeia (de Portugal até à Grécia) passou para o núcleo duro carolíngio do projeto europeu, para os países centrais da Declaração Schuman. Em segundo lugar, a crise que era capturada por um discurso predominantemente económico e financeiro vai agora traduzir-se numa linguagem política sobre o poder, os direitos, as instituições. Até que ponto é que o governo da chanceler

Merkel percebe a mensagem que lhe está a ser enviada pelos novos e bizarros bárbaros do Ocidente? Será que ela perceberá que se persistir na atual "Europa alemã", baseada na austeridade, irá acelerar a destruição da própria ideia da unidade europeia, por muitos e dolorosos anos? Não basta dizer que importa criar emprego. É preciso rasgar o império do Tratado Orçamental, com o seu calendário de destruição económica e sofrimento social, sob pena de enlouquecer os europeus com o velho vírus da doença autoimune que, se não for combatido, acabará por incendiar a Europa.”

Por isso, os portugueses devem ser alertados sobretudo para o notável capítulo final sobre o destino da Europa e de Portugal envolvido nesse destino. No fundo, marcando uma preferência definitiva pelo modelo federal, aquilo que fica como advertência fundamental é que a Europa continua sem conceito estratégico, uma situação em que, pela minha parte, insisto que Portugal como Estado a acompanha, e que o alerta que deixa para a reforma das instituições europeias em pousio, não pode deixar de se transpor por inteiro para Portugal, que bem necessita de deixar de proclamar a reforma do Estado sem lhe dar conteúdo. O evidente, é que o processo europeu reproduz um processo mundial, que é o de, em cascata, transformar os problemas internos em internacionalmente relevantes, estes em internacionais, e finalmente remetendo todos para o mal conhecido globalismo na sua estrutura e, por isso, no seu consequencialismo. De uma vez por todas tem de compreender-se que não há problemática europeia que, em situação de eleições, ou sem elas, seja separável da problemática interna. Por mim, reparo que sempre Portugal, ao longo da história, necessitou de um

apoio externo, e que embora tenha janelas de liberdade mal assumidas como são a CPLP e a Plataforma Continental, é solidário com o destino da Europa, e se encontra envolvido, como país exógeno, em resultados de causas em que por vezes não participou. Mas há uma causa que lhe será sempre atribuída, que é o descaso em relação à própria evidência. Sem diminuir a importância de tantas advertências independentes sobre o conjunto crescente de riscos para a unidade europeia, designadamente a pulverização de alguns Estados, o crescente desamor pelo modelo europeu, a fragilidade da confiança das populações nos governos, este notável livro adverte, sem ambiguidades, para o facto de que *se a unidade europeia falhar, a voz da Europa deixa de ser ouvida no mundo em mudança*. Não se trata nesta contribuição de uma opção partidária, nem dos seus interesses setoriais que abundam, nem de utopias, ainda que generosas, que desconhecem a realidade. É um aviso, bem integrável na quarta missão da Universidade sobre o real que nos cerca, o urgente não adiável, e o descaso demolidor. É a independência académica, ligada ao reconhecimento dos paradigmas universais que a terra casa comum dos homens exige, e a devoção cívica ao país torna imperiosa, que se juntam num manifesto que ficará histórico na literatura portuguesa, e, nesta, como uma das valiosas contribuições de origem portuguesa para enfrentar a crise que ameaça não deixar ver a luz ao fundo do túnel que o universitário ajuda a reacender. Bem haja.

Centro Cultural de Belém

02/06/2014

ADRIANO MOREIRA